

Dr. Kevin E. Frederick, Valdenses, Aula 6, Saindo das Sombras da História, Dissipando Mitos ©

2024 Kevin Frederick e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Kevin Frederick em seu ensinamento sobre a história dos valdenses. Esta é a sessão número seis, Out of the Shadows of History, Dispelling Myths.

A escritura para este sermão é de 1 Timóteo 1, versículos 3 a 5. Ouça a palavra de Deus. Eu o exorto lá, como fiz quando estava a caminho da Macedônia, a permanecer em Éfeso para que você possa instruir certas pessoas a não ensinarem nenhuma doutrina diferente e não se ocuparem com mitos e genealogias sem fim que promovem especulações em vez do treinamento divino que é conhecido pela fé. Mas o objetivo de tal instrução é o amor que vem de um coração puro, uma boa consciência e fé sincera.

A palavra do Senhor. Graças a Deus. Paulo escreveu estas palavras ao seu protegido Timóteo para alertá-lo e a outros novos convertidos da fé em Cristo sobre a importância de permanecer focado no relacionamento com Cristo em vez de ficar preso na mentalidade de enfatizar a própria genealogia ou histórias míticas de origem que não tinham fundamento na fé em Cristo.

Fazer isso era tentar estabelecer a credibilidade de alguém com base em pedigree ou feitos de realização, em vez de uma fé fundamentada no amor de um Deus trino revelado pela graça e misericórdia de Jesus Cristo. Ao explorar as origens do movimento valdense, há essencialmente dois relatos alternativos da narrativa histórica primária que são fundamentados na vida de Valdez. Além disso, há várias variações dentro de cada narrativa alternativa, o que tende a confundir os estudantes de história.

O estabelecimento do movimento valdense é coberto com histórias de origem que incluem referência ao ensinamento de um bispo católico independente de Turim no século IX chamado Claude. Há também um relato mais antigo que remonta à história de Constantino no século IV d.C. É para a história do presente de Constantino à igreja que nos voltamos primeiro.

Na época de sua morte, Constantino teria deixado metade do Império Romano em testamento para o Papa Silvestre no início do século IV d.C. Vale a pena notar que a erudição histórica determinou que a história da doação de Constantino era em si um mito. Originalmente criado pela Igreja Católica Romana no século VIII d.C. como um meio da igreja justificar sua considerável aquisição de riqueza e propriedade para críticos de dentro e de fora da Igreja Romana.

Este mito narrativo , originalmente criado no século VIII, foi então embelezado centenas de anos depois por crentes valdenses para enfatizar as origens do que foi definido pelos valdenses como uma antiga divisão dentro da igreja primitiva em oposição à Igreja Católica Romana, que havia aceitado e se beneficiado da obtenção de grande riqueza e poder. E então eles dizem que os Pontífices Romanos não são os sucessores do Apóstolo Pedro, mas de Constantino. O mito da doação de Constantino foi posteriormente modificado para sugerir a existência de um remanescente menos conhecido, menor, mas fiel da igreja, que enfatizava a importância de um foco no ministério servo de Cristo marcado por votos de pobreza e humildade.

O mito modificado da doação de Constantino foi amplamente comunicado oralmente pelos seguidores valdenses a partir do final do século XIII. É ilustrado da seguinte forma. A igreja era sagrada até a doação de Constantino, quando Silvestre I aceitou a doação, enquanto um companheiro de Silvestre recusou e o deixou.

Lentamente, a maior parte da igreja caiu no mal enquanto uma parte menor da igreja permaneceu na verdade. Este é o primeiro estágio da explicação da oposição a Roma, a origem histórica da divisão da igreja santa menor na época da doação. E o estágio posterior deve ser liderado pelos valdenses, embora não necessariamente contíguo a eles.

Aqueles que apontam para essa história de origem aderem à crença de que um testemunho ininterrupto da verdadeira igreja continuou da era apostólica até o testemunho fiel de um grupo relativamente pequeno de cristãos que eram eles próprios os verdadeiros seguidores de Cristo, os antepassados dos valdenses. A data mais antiga na história registrada desse mito é encontrada em uma fonte chamada Livro dos Eleitos, escrita em 1367. A epístola de 1367 elaborou uma divisão na igreja romana na época da doação, quando metade da riqueza do Império Romano dada por Constantino em 325 foi dada à igreja romana.

A divisão teria ocorrido dentro da igreja entre Silvestre I, que havia aceitado a riqueza e a terra do Imperador Constantino, e aqueles poucos fiéis que se mantiveram firmes em declarar pobreza e desejavam permanecer a igreja pura. O Livro dos Eleitos relatou os feitos daqueles que estavam no lugar dos apóstolos, e isso é sublinhado por ecos deliberados dos Atos dos Apóstolos. Por centenas de anos, a história das origens do povo valdense tem sido difícil de ser identificada com precisão.

Isso se deve em parte ao fato de que grande parte da história registrada dos valdenses foi usada pela igreja romana como evidência de sua heresia e foi posteriormente queimada pelos inquisidores assim que o julgamento foi concluído. Voltamo-nos para uma exploração dos fatos históricos que cercam as origens da

história valdense. Há muito tempo se reconhece que Valdez, Waldo de Lyon, em 1172, foi o criador do movimento valdense.

Há dados históricos suficientes para apoiar sua existência e o ministério que ele iniciou, que surgiu de uma fome que impactou a região ao redor de Lyon. Há também evidências que sugerem a possibilidade de uma fonte de base teológica entre os seguidores de Waldo e os ensinamentos de Claude de Turim, que foi nomeado Bispo de Turim no ano 817 na Igreja Católica Romana. Claude era um líder cristão evangélico franco que era um estudante astuto e perspicaz da Bíblia.

Com base em sua interpretação das escrituras de ambos os testamentos, Claude se opôs à adoração de imagens sagradas no catolicismo. Ele buscou removê-las de todas as igrejas dentro de sua diocese. Ele pregou a doutrina, a justificação da fé.

Claude também rejeitou o purgatório e a adoração de relíquias e rejeitou a eficácia das peregrinações como um meio de penitência. Como Claude jogou fora as veneradas imagens sagradas nas igrejas dentro da diocese, ele disse que se as pessoas desejassem adorar uma cruz porque Cristo estava pendurado nela, elas também deveriam adorar manjedouras porque ele estava em uma ou jumentos porque ele cavalgava em uma. Não há evidências históricas ou documentos existentes que forneçam uma conexão histórica direta entre os ensinamentos de Claude e o surgimento de Waldo e dos pobres de Lyon no século XII.

É plausível que os católicos romanos na região do Piemonte, no norte da Itália, possam ter passado as crenças pouco ortodoxas, mas biblicamente precisas, de Claude de uma geração para a outra. No entanto, sem quaisquer documentos históricos que conectem os paralelos de crença e prática mantidos por Claude e, mais tarde, por Waldo e Arnold de Brescia, não se pode deduzir prontamente que Claude influenciou diretamente Waldo e Arnold. Os paralelos na crença eram tão prováveis de serem derivados pelo estudo da mesma fonte de crença, principalmente os evangelhos do Novo Testamento e as cartas de Paulo.

Mais de 300 anos depois de Claude, Arnold de Brescia começou a reunir pequenas comunidades na região da Lombardia ao redor de Milão, adjacente à Diocese de Turim. Arnold estudou com Peter Abelard e começou a construir o modelo de fé e comunidade cristã com base em se tornar um discípulo de Cristo e compartilhar sua propriedade com os vizinhos. Arnold estudou cuidadosamente os ensinamentos da igreja primitiva, conforme revelado no Livro de Atos.

A partir de seus estudos, ele organizou uma comunidade de fé alternativa à da rica Igreja Católica Romana e suas crenças e práticas. Embora o bispo Claude não possa ser classificado como valdense, as deduções paralelas de suas proclamações como bispo católico romano com as crenças cristãs dos valdenses são inegáveis, e continua sendo uma possibilidade que as crenças de Claude influenciaram Arnold e seus

seguidores à medida que eles desenvolveram suas próprias comunidades de fé. Aliás, vale a pena notar que durante o século XX, a Igreja Valdense na Itália nomeou sua editora oficial Claudiana Press em reconhecimento ao testemunho bíblico do bispo Claude de Turim.

Esta é uma conexão de fé profundamente valorizada hoje pelos valdenses contemporâneos. No mínimo, pode-se supor que vários princípios da crença valdense têm paralelos com o ministério dos ensinamentos do bispo Claude do século VIII. Continua sendo uma premissa completamente infundada, no entanto, afirmar que havia uma comunidade organizada de crentes que começou na época do bispo Claude e permaneceu intacta, distinta e separada da Igreja Católica do século IX até o século XII, quando Waldo começou seu ministério.

Agora voltamos nossa atenção para o porquê desses mitos terem sido criados. Há indícios de que o autor anônimo do Livro dos Eleitos reconheceu a necessidade, dentro de uma sociedade que ainda estava fortemente focada na comunicação oral, de um texto escrito da história valdense. Ele foi composto de tal forma a torná-lo fácil de memorizar e transmitir oralmente como uma ferramenta educacional instrutiva para aqueles valdenses que, nessa época, estavam espalhados pela Europa Ocidental.

Eles precisavam de uma história que fosse facilmente recitada sem depender de um texto escrito. Rotineiramente ao longo de sua história, os inquisidores católicos romanos destruíram registros, escritos e livros valdenses, tornando a tradição oral ainda mais importante para a preservação das origens dos valdenses. Conforme as gerações passavam, havia uma oportunidade crescente de permitir maior liberdade na reconstrução do passado.

Essa abordagem levou à inserção de inúmeras revisões nos mitos, à medida que as gerações subsequentes tentavam ler de trás para frente o ponto das origens de sua fé. O Livro dos Eleitos era um documento muito curto e poético. Parte dele é escrito em frases rítmicas staccato, mais agudas durante a contagem da vida de Valdez.

Tanto a brevidade textual quanto o ritmo sugerem um texto produzido deliberadamente para memorização. A narrativa encontrada no Livro dos Eleitos foi essencialmente uma ferramenta útil para justificar a adoção de um voto de pobreza e castidade junto com o chamado para pregar e como eles foram instrumentais na vida do pregador itinerante valdense. Este livro também é instrutivo em seus esforços para encorajar todos os seguidores a permanecerem firmes diante da perseguição da Igreja Católica Romana, assim como a Igreja primitiva dos Apóstolos enfrentou perseguição do Império Romano, validando assim a legitimidade da percepção dos valdenses de se verem como sendo o remanescente fiel da verdadeira Igreja em contraste com a rica Igreja Católica Romana.

Desde o estabelecimento da Inquisição no século XIII e ao longo de uma onda após onda de perseguições sancionadas pela Igreja, a narrativa que se descreveu como sendo o verdadeiro remanescente da Igreja sustentou seu testemunho fiel. Modificações posteriores do mito da doação de Constantino a Silvestre podem ser rastreadas observando as mudanças em edições subsequentes do Livro dos Eleitos. Valdes no século XII, e ainda assim não há registro de um primeiro nome atribuído a Valdes até o século XIV.

Na primeira edição do Livro dos Eleitos em 1367, Valdes do século XII é introduzido pela primeira vez com o nome apostólico Pedro. Em 1420, em uma revisão posterior do Livro dos Eleitos, um homem chamado Pedro Valdes foi introduzido pela primeira vez como um contemporâneo do Papa Silvestre do século XIV. Nessa edição, é alegado que Pedro Valdes não foi o fundador do movimento valdense, mas foi identificado como um dos companheiros de Silvestre, que na época da doação se tornou o preservador da verdadeira Igreja, sugerindo efetivamente um vínculo entre Valdes e seus seguidores desde a fundação dos Atos dos Apóstolos.

Além disso, no início do século XV, outro manuscrito valdense foi composto, que atribuiu alguns escritos homiléticos a um certo cardeal católico romano chamado Peter Valdes. De cada um desses exemplos de história revisionista, torna-se prontamente aparente que as histórias que comunicam as origens dos valdenses foram repetidamente revisadas ao longo dos séculos XIV e XV. Mas para entender mais profundamente as razões para essas revisões na história do testemunho valdense, precisamos dar outra olhada no papel que a perseguição desempenhou por centenas de anos.

Em uma geração, após o movimento valdense e seus seguidores terem sido rotulados pela Igreja Católica como hereges em 1215, a Igreja direcionou sua raiva contra os valdenses por meio de um sistema de tribunal eclesiástico de acusação extremamente bem organizado chamado Inquisição, que havia sido construído inicialmente para destruir a heresia dualista do catarismo e estava doravante direcionando sua fúria total contra os seguidores de Valdo. Ao longo dos 30 anos seguintes, a Inquisição organizou e padronizou extensivamente a criação de manuais escritos de instrução distribuídos pelo papado a todos os inquisidores. Em um esforço para unificar a acusação efetiva da Inquisição, a Inquisição foi eventualmente atribuída exclusivamente à Ordem Católica de São Domingos.

Sob os dominicanos, a Igreja Católica tinha uma ferramenta muito eficaz para levar todos os hereges a julgamento. Os dominicanos coordenavam os esforços da Igreja com os magistrados civis para punir os hereges, na maioria das vezes por execução e queima na fogueira. Durante a década de 1480, o Papa reinante Inocêncio VIII, que havia servido como inquisidor antes de se tornar Papa, convocou uma cruzada sagrada contra os valdenses.

Ao fazer isso, ele exerceu toda a fúria da Igreja em direção à erradicação total de todo crenite valdense. A Cruzada Valdense, sob a liderança do Arquidiácono Cattaneo, concentrou seu foco nas comunidades valdenses na região dos Alpes Cócios e provou ser apenas parcialmente bem-sucedida. No entanto, teve consequências devastadoras sobre as milhares de vítimas valdenses que enfrentaram suas perseguições cruéis e desumanas.

Desde a organização da Inquisição sob a autoridade dos dominicanos, começando em meados do século XIII em diante, não apenas as propriedades de milhares de valdenses foram confiscadas e vendidas a católicos romanos, mas muitos valdenses foram torturados, muitas vezes executados sendo queimados na fogueira por suas crenças. A Igreja Católica acreditava que, ao queimar os corpos dos hereges, não haveria corpo físico para ressuscitar quando Cristo retornasse para a Segunda Vinda. Nos primeiros dias da Inquisição, eles até queimaram os cadáveres daqueles que foram identificados como valdenses após sua morte.

As crianças valdenses eram frequentemente roubadas de suas famílias por padres católicos romanos e líderes da Igreja e criadas pela Igreja para abraçar a doutrina católica romana. As perseguições colocaram grande pressão sobre todo o movimento valdense e sobre as vidas de cada crenite valdense por centenas de anos. Como um meio de fortalecer a fé dos líderes e crenites na Grande Perseguição, o Livro dos Eleitos serviu para sustentar o legado duradouro do movimento valdense com suas conexões diretas com os ensinamentos de Jesus e as primeiras comunidades de fé apostólica.

Ao refletir sobre a compreensão mítica da história valdense, Peter Biller escreve que a história poderia ser lembrada de forma bastante nítida, mas também poderia ser simplificada e fundida através da passagem do tempo e truques da memória e colorida e angulada de uma multiplicidade de maneiras ao passar pelo prisma da mente do amigo individual. Todas essas derivações sugerem finalmente o uso generalizado da história naquela época para consolar os crenites durante o sofrimento e a desesperança da perseguição. A natureza firme dos pregadores valdenses, os Barba, e suas comunidades dispersas de fé resistiram não apenas à perseguição implacável da Igreja Católica Romana, mas mais tarde sobreviveram aos ataques militares concertados organizados pelo Rei de Saboia, a nação da França, por mais de 500 anos, sobrevivendo a 33 perseguições organizadas.

Durante todo esse período de tempo, foi a ênfase de Barba em integrar a humildade exemplificada por Cristo e a fé centrada na graça de Deus e Jesus Cristo que guiou o povo valdense em seus esforços para permanecer fiel à sua fé. Os mitos antigos evoluíram sob tais condições tremendamente adversas e se tornaram essenciais para que os pregadores valdenses e seus seguidores tivessem uma fé forte e tangível à qual pudessem se agarrar mesmo no momento da morte. Sem a crença na sacralidade de sua causa e sem um senso de conexão direta com Cristo e seus

discípulos originais, o movimento valdense, sob gerações de pressão implacável, teria seguido o caminho de todos os outros movimentos da Idade Média, que foram rotulados como heréticos pela Igreja Católica Romana.

Durante as primeiras décadas da Reforma Protestante, enquanto o protestantismo estava estabelecendo sua credibilidade e legitimidade, um número substancial de estudiosos protestantes apontou os valdenses como seus antepassados religiosos, pegando os mitos que cercavam suas origens. Os protestantes olhavam para os valdenses como pioneiros de sua própria fé e os identificavam como preservadores da verdadeira igreja. Os primeiros historiadores valdenses John Léger e Samuel Moreland fizeram referência em suas compilações da história valdense no início do século XVII aos muitos mitos que cercavam suas origens.

Usando as ferramentas da ciência da historiografia conforme entendidas em sua época, eles desenvolveram as primeiras grandes obras de história da comunidade valdense que foram registradas. Ambos os historiadores confiaram fortemente na história oral transmitida por gerações anteriores, pois buscavam preservar uma história confiável. Era um método aceitável de historiografia naquela época misturar precisão histórica com crenças históricas antigas e ainda sem suporte sobre autoidentidade, que surgiram no caso de clandestinidade, isolamento geográfico e perseguição.

Hoje, a história serve como uma testemunha confiável de que o movimento valdense foi o único movimento cristão considerado herético pela Igreja Católica Romana, e sobreviveu até os tempos modernos. Foi o povo valdense liderado por seus pregadores, os Barba, que se concentrou de forma mais eficaz e precisa na comunicação dos ensinamentos de Jesus e do impacto de sua vida, morte e ressurreição aos leigos cristãos antes da Reforma Protestante. Ao longo dessa era, os valdenses refletiram um testemunho bíblico fiel aos ensinamentos de Jesus e às instruções do apóstolo Paulo quando ele escreveu a Timóteo.

O objetivo de tal instrução é o amor que vem de um coração puro, uma boa consciência e fé sincera. A essência de tais crenças e práticas permanece no cerne de um testemunho cristão fiel hoje, como tem sido em todas as épocas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amém. Este é o Dr. Kevin Frederick em seu ensinamento sobre a história dos valdenses. Esta é a sessão número seis, *Out of the Shadows of History, Dispelling Myths*.